

II



Autora  
**Magda Rocha**

# APRENDI- ZAGEM COOPERA- TIVA/COLA- BORATIVA

[**ATRAVÉS DE PARES**]

Metodologia de Ensino-aprendizagem

Coordenação

**Amanda Franco, Diana Soares e Magda Rocha**



Cofinanciado por



# Índice

- 2 • Aprendizagem Cooperativa/Colaborativa (através de pares)
- 4 • Aplicações
- 6 • Desenvolvimento de competências nos estudantes
- 7 • Áreas de conhecimento que mais utilizam esta metodologia
- 8 • Bibliografia

# Aprendizagem Cooperativa/ /Colaborativa (através de pares)

Desde os anos 90 do século XX a literatura tem vindo a salientar que são tantas as definições de **aprendizagem cooperativa** quantas as pesquisas já realizadas sobre o tema (Ravenscroft et al., 1997). Outros termos são utilizados como aprendizagem colaborativa, entre pares ou em equipa. De forma genérica esta é uma metodologia que recorre ao trabalho em equipa e à capacidade de colaboração entre os estudantes para gerar aprendizagem (Ravenscroft, 1997).

Na aprendizagem cooperativa, ao invés de o trabalho se centrar no aluno de forma individual, o docente trabalha no sentido de promover a construção de conhecimentos e o desenvolvimento de competências através da partilha e dinâmicas de trabalho em equipa. A entreajuda é a base para o sucesso na compreensão dos conteúdos, no desenvolvimento de competências e na resolução de tarefas ou dos problemas propostos (Jareño et al., 2014; Jiménez et al., 2013; Kocabas & Erbil, 2017).

A aprendizagem cooperativa/colaborativa (através de pares) recorre ao trabalho em equipa e à capacidade de colaboração entre os estudantes para gerar aprendizagem.

Enquanto **metodologia de ensino**, surgiu entre as décadas de 1970 e 1980 (Loh & Ang, 2020). Inicialmente foi desenvolvida com foco em crianças do ensino básico. Contudo, pela sua eficácia, foi sendo incorporada em grupos de maior dimensão e noutros níveis de ensino (García-Chitiva, 2021). Os fundamentos conceituais são comumente atribuídos à teoria sociocultural de Vygotsky (1978), especificamente quando sugere que as aprendizagens ocorrem num contexto de interação social revestida de significado, ao qual chamou de diálogo cooperativo ou colaborativo. A teoria desenvolvimental e construtivista de Piaget (1951) também suporta esta metodologia quando sugere que o trabalho conjunto, e a partir dele o conflito sociocognitivo, promove o raciocínio. A partir de 1990, a aprendizagem cooperativa desenvolveu-se em associação estreita com as novas tecnologias de informação e comunicação (TIC), sendo este vínculo conhecido como *Computer Supported Collaborative Learning* (García-Chitiva, 2021). Esta abordagem teve um renovado interesse entre os anos de 2019-2021, aquando da pandemia de covid-19, em que a interação presencial não foi possível (Cecchini et al., 2021; Che et al., 2020).



No ensino superior a aprendizagem cooperativa tem vindo a ser utilizada recorrentemente, já que permite a criação de um ambiente de aprendizagem pautado pela envolvimento e interatividade entre pares (Log & Ang, 2020; Ravenscroft, 1997). **Esta metodologia pode ser empregue em diversos meios, incluindo salas de aula, laboratórios, grupos de trabalho de projeto presenciais ou online, entre outros.** Trabalhar com os colegas permite a partilha de ideias, promove o debate de conceitos e o pensamento crítico, potenciando e valorizando a aprendizagem com os pares e o trabalho em equipa. Deste modo, a aula torna-se mais atrativa e a atenção é dirigida ao processo de ensino-aprendizagem de forma mais focalizada e contínua. Esta abordagem pedagógica, pela sua natureza múltipla, promove o desenvolvimento de competências que ultrapassam a construção de conteúdos, como é o caso da resolução de problemas, da comunicação, da criatividade, da aceitação do outro e da valorização do trabalho em equipa, fundamentais para o sucesso no mundo do trabalho (Ahmadi & Besançon, 2017; Huang, 2019; Linuma et al., 2016; Loh & Ang, 2020; Lopes et al., 2019). **A autonomia dos estudantes sustenta-se e desenvolve-se no processo de aprendizagem de “aprender a aprender”** (Barkley et al., 2005), mas também são promovidas a inovação e a iniciativa, já que são apresentadas ao grupo as ideias de cada um dos seus elementos. Simultaneamente, **também se aprende através dos sucessos e dos erros dos pares.**

Em suma, **a aprendizagem cooperativa permite criar condições para momentos de colaboração, usando a dinâmica inter-relacional para aprender conteúdos, conceitos e/ou procedimentos e desenvolver competências transversais**, partindo da mestria na resolução de tarefas com recurso a uma equipa (Jacobs et al., 2006; Johnson et al., 2013; Shimazoe & Aldrich, 2010; Slavin et al., 2003; Taber, 2011).

De acordo com Johnson e Johnson (2018), **a aprendizagem cooperativa tem quatro formas de apresentação**, cada uma delas dirigida a objetivos específicos. São elas: a **Aprendizagem Cooperativa Formal** (i.e., capacitação para a aquisição de conteúdos específicos), a **Aprendizagem Cooperativa Informal** (i.e., desenvolvimento do processamento cognitivo da informação), os **Grupos Baseados na Cooperação** (i.e., apoio e assistência dos seus membros a longo prazo) e a **Controvérsia Construtiva** (ou método de discussão deliberativa, i.e., promover o confronto entre diferentes pontos de vista, caracteristicamente opostos, relativo a conteúdos quer académicos quer cognitivos, de forma a melhorar a resolução criativa e inovadora de problemas pelo encorajar os membros do grupo a considerar a lógica por trás de pontos de vista opostos). **O papel do docente/facilitador também se alterna de acordo com cada uma das tipologias**, pese embora se mantenha constante a postura de um facilitador “incondicional” da aprendizagem. Se na Aprendizagem Cooperativa Formal as competências de comunicação são a grande parte do papel do docente, já na Aprendizagem Cooperativa Informal, o docente dá conta de indicações mais teóricas, indicações acerca de fontes a utilizar. Nos grupos Baseados na Cooperação, a questão da tutoria está em cima da mesa, pela extensão do próprio projeto. Finalmente, na Controvérsia Construtiva, a facilitação passa muitas vezes pela gestão de conflitos e geração de consensos.

# Aplicações

A aprendizagem cooperativa é, como já referido, uma metodologia apropriada a diferentes níveis de ensino e em múltiplas áreas de conhecimento (Saborit et al., 2016), existindo diversas razões para justificar o sucesso na sua aplicação.

Desde logo, os estudos indicam que os estudantes aprendem de forma mais eficaz através de uma metodologia ativa do que através das tradicionais aulas completamente dedicadas à exposição. A probabilidade de um aluno desistir de uma tarefa de aprendizagem que tem em mãos, a título individual, quando sente que não está a alcançar os objetivos é maior do que se a tarefa for realizada em grupo (Felder & Brent, 2007). Contudo, a cooperação não é uma competência “traço”, isto é, é necessário ser desenvolvida antes de ser aplicada como metodologia de aprendizagem (Cecchini et al., 2012). De acordo com Loh e Ang (2020), cabe ao docente tomar a decisão de ensinar cooperativamente e ter a competência para levar a cabo a sua implementação. Estes autores recorrem ao modelo de Johnson e colaboradores (2013), para explicar a existência de um *cluster* de componentes de base humanista, sem o qual não é possível levar a cabo o processo de ensino-aprendizagem cooperativo (para um sumário, consulte-se ainda Oxford, 1997). Este aglomerado de pressupostos inclui a interdependência genuína, a interação face a face, a existência de competências de relacionamento interpessoal e de trabalho em grupo, a responsabilidade pessoal e a responsabilidade da identidade grupal, bem como o comprometimento processual do grupo com ele mesmo e a tarefa. Relativamente ao face a face, posicionamentos mais atuais (veja-se Sawyer & Obeid, 2017) falam dos benefícios do processamento simultâneo de som e imagem (via *online*) que a recente pandemia de covid-19 certificou empiricamente como eficaz.

Esta é uma metodologia apropriada a diferentes níveis de ensino e a múltiplas áreas de conhecimento.

Quanto à aplicação mais eficaz, **recorre-se à aprendizagem cooperativa quando existe a necessidade de realizar uma tarefa ou projeto em que está subjacente a entajuda como estratégia pedagógica**, observando o contributo das competências e ideias individuais para o desenvolvimento de todos os elementos do grupo na resolução da tarefa conjunta. A aplicação desta metodologia é também eficaz quando se pretende que seja efetuado um trabalho ou tarefa em que são debatidos (e apreendidos) conteúdos específicos em pequeno grupo, partilhando conhecimentos e saberes e aprendendo com os pares. Quando o objetivo é que os estudantes aprendam ou desenvolvam as competências de negociação e realização de acordos, já que qualquer tarefa académica e profissional assim o impõe, é também uma metodologia a ter em conta. **A motivação para ultrapassar um desafio, o atingir um objetivo comum, a discussão crítica e a partilha de emoções associadas são também fortes argumentos para recorrer a esta metodologia** (Loh & Ang, 2020). A toda esta argumentação subjaz o propósito de possibilitar, aos estudantes, formas de aprendizagem com recurso a metodologias ativas, cujos benefícios estão já bem estabelecidos na literatura (Cavanagh, 2011; Laal & Ghodsi, 2012; Loh & Ang, 2020).

**Nota.** Na aplicação desta metodologia, o docente é um facilitador das aprendizagens, o que intima a que esteja equipado com um conjunto apriorístico de competências. Estas incluem a liderança de grupos, a capacidade para motivar e inspirar os estudantes, o conhecimento e a experiência de estratégias de ensino-aprendizagem inovadoras, o saber estabelecer metas, estádios e objetivos claros, a capacidade de monitorização, progresso e avaliação das tarefas e de alunos de acordo com o preestabelecido, e as competências de gestão de conflitos, comunicação, colaboração, empatia, assertividade e genuinidade (Dytham, 2019; Kocabas & Erbil, 2017; Gurung R., 2017; Laal & Laal, 2012).

Deste modo, **o docente deve ter em atenção o seguinte ao utilizar este método** (Sawyer & Obeid, 2017):

- Os objetivos, bem como as tarefas, são de natureza mais “aberta”, pelo que os estudantes apresentam uma orientação mais autónoma na sua abordagem, sendo uma interação grupal mais autogerida que “guiada”.
- Pode ser necessário criar grupos de forma intencional (se o objetivo é, por exemplo, o desenvolvimento de alguma competência em que uns estudantes são mais proficientes que outros), ou, ao invés, atribuir aleatoriamente os estudantes a cada grupo de trabalho se existir mais homogeneidade entre alunos. Atendendo à importância de assegurar a inclusão de todos os alunos, igualmente considerando questões de multiculturalidade, assumir intencionalidade na criação de grupos de trabalho cooperativo ganha cada vez mais interesse.
- O docente deve assegurar-se de que o grupo é capaz de realizar o trabalho cooperativamente. Se não for este o caso, aplica-se ao “facilitador” a tarefa do ensino ou desenvolvimento intencional das competências necessárias ao funcionamento em grupo, promovendo estas aprendizagens através da discussão e internalização do processo, e chamando a todos a responsabilidade das aprendizagens do trabalho cooperativo.
- Uma questão maior na aprendizagem cooperativa é a da criação de um ambiente de aprendizagem propício ao desenvolvimento pessoal através do recurso ao grupo. Assim, Schnieder (2017) dá conta do processo em passos ou etapas para possibilitar a construção deste ambiente: i. Aliciar os estudantes para a ideia de que querem aprender colaborativamente; ii. Promover a construção de relacionamentos entre os estudantes que auxiliem ao conhecimento interpessoal; iii. Manter o ritmo da aprendizagem cooperativa, incorporando os trabalhos das equipas na unidade curricular (após a aprendizagem das competências necessárias ao trabalho cooperativo, pode experimentar-se a inovação realizando um exame em grupo); iv. Manter a coesão constante nos grupos de trabalho.



# Desenvolvimento de competências nos estudantes

Um estudo misto realizado em 2017 (que incluiu observação, análise qualitativa de “cadernos de notas” e respostas a um questionário), levado a cabo por três investigadoras acerca do impacto da aprendizagem cooperativa no Ensino Superior (Larraz et al., 2017), deu conta de desenvolvimentos de competências altamente significativos em estudantes expostos a esta metodologia por comparação a pares que o não foram. Assim, existiu prova científica de incremento nas seguintes competências:

I. Aumento do nível de **empenho nos temas em estudo**, da **proatividade e empenhedorismo**, da **aprendizagem em geral** (o "aprender a aprender") e da **motivação**; os alunos desenvolveram, através da aprendizagem cooperativa, **competências de inter-relacionamento pessoal e estratégias de resolução de conflitos**, tais como **relacionamento positivo, respeito pelo outro, pensar e escutar com tolerância, flexibilidade e abertura para com o outro, partilhar responsabilidades e compromisso para com a tarefa**.

II. **Competências de pensamento crítico, consciência emocional, motivação para a aprendizagem, desenvolvimento cognitivo, e abertura à mudança** (Warsah et al., 2021).

III. A **motivação académica** (Loes, 2022), o **aprofundamento da aprendizagem**, as **competências sociais e cívicas**, o **pensamento de ordem superior**, o **crescimento pessoal** e a **aprendizagem autónoma** (Shimazoe & Aldrich, 2010) parecem também beneficiar desta abordagem.

IV. Laal e Ghodsi, a partir da listagem de 50 benefícios de Johnsons, em 1989, e Pantiz, em 1999, sumariaram os resultados da aprendizagem cooperativa (Laal & Ghodsi, 2012), nomeadamente, **construção de um sistema de apoio social, compreensão da diversidade entre pares e outras pessoas, criação de um ambiente suscetível à aprendizagem por observação e à prática da cooperação, desenvolvimento de comunidades de aprendizagem, gestão psicológica individual positiva (autoestima, ansiedade, atitudes positivas relativamente a docentes e pares), envolvimento na aprendizagem, promoção do pensamento crítico, resultados académicos mais elevados e, ainda, resolução de problemas mais eficaz**.

V. O trabalho de revisão da bibliografia de Johnson e Johnson (2018) indica outras competências e aquisições positivas advindas da aprendizagem cooperativa por comparação ao recurso a aulas tradicionais. Estas incluem **maior esforço por parte dos alunos no sucesso da realização académica, construção de relações interpessoais mais positivas com pares, melhor adaptação psicológica, maior produtividade, raciocínio e pensamento críticos a níveis superiores, maior criatividade, maior transferibilidade de aprendizagens, maior autonomia e independência, maiores níveis de saúde psicológica, aceitação e apoio dos colegas e autoestima mais elevada**.

# Áreas de conhecimento que mais utilizam esta metodologia

A Aprendizagem Cooperativa é em parte responsável pela mudança no paradigma de Ensino-Aprendizagem, de uma educação centrada no professor, para a aprendizagem (ativa) centrada no estudante. Mais ainda, não só é dada importância à aprendizagem cooperativa por esta ser ativa e motivadora, mas porque atua e se suporta na ideia de que a aprendizagem pessoal é facilitada pela ação de um grupo social. É extraordinariamente útil no processo de ensino-aprendizagem, qualquer que seja a área de conhecimento, nível ou tipo de aprendizagem, já que permite que os alunos/estudantes/formandos/profissionais trabalhem em equipa na realização de tarefas, discutam ideias e partilhem conhecimentos e apresentem aos pares culturas e especificidades dos seus grupos de pertença (família, amigos, subculturas, etc.). Esta metodologia **desenvolve competências como trabalho em equipa, comunicação, resolução de problemas, tomada de decisão e pensamento crítico**, que são fundamentais para o sucesso na vida académica e profissional. Por esta razão, **é útil em qualquer área científica, formativa ou do saber**.

São muitos os fatores de sucesso para a transferibilidade desta metodologia. Aprender a colaborar e colaborar a aprender são processos cujo sucesso depende de dimensões sociais, cognitivas, afetivas/emocionais, físicas e tecnológicas (pelo menos desde a pandemia de covid-19, e mesmo antes disso). As três últimas dimensões talvez não sejam imediatamente intuitivas, embora se dissermos que é necessário conforto, flexibilidade e estimulação sensorial na aprendizagem de grupo (dimensão física), que a tecnologia que é eficaz no quotidiano, mas não necessariamente nos contextos académicos, se estiver disponível, for fácil de utilizar e permitir aprender (dimensão tecnológica) e, ainda, que uma relação cooperativa (não necessariamente de aprendizagem) se reveste de confiança, respeito e compreensão (dimensão afetiva/emocional), possivelmente a surpresa inicial é facilmente ultrapassada. A dimensão cognitiva alia-se ao pressuposto da adaptação de estratégias e atividades de aprendizagem às necessidades e características dos “aprendentes” e ao grau de homogeneidade ou não de cada grupo. As capacidades cognitivas não são as mesmas na criança, no adolescente e no jovem adulto (ou noutros estádios do desenvolvimento), mas a possibilidade de adequar a aprendizagem cooperativa a estes funcionamentos já está bem estabelecida na literatura. Finalmente, a dimensão social é a mais óbvia entre elas. O compromisso e o sucesso ou recompensa são do grupo e resultam de uma aprendizagem participada, embora possam ser competências transferidas para a dimensão individual, se necessário. Estes argumentos, que não são mais que os fatores que conduzem à popularidade atual da aprendizagem cooperativa, estão na base da construção de espaços inovadores de aprendizagem colaborativa em todo o mundo (Delgado et al., 2020).

**A força e a flexibilidade desta metodologia permitem a sua utilização em sala de aula física ou virtual, utilizando ou não recursos tecnológicos de ponta, recorrendo, contudo, às dimensões física, cognitiva, emocional e social, sendo certo que a atratividade e a diversão oferecidas pelas novas tecnologias não devem ser deixadas ao acaso.** Aliás, esta abordagem à aprendizagem cooperativa suportada num espaço físico é comum a universidades e a locais de trabalho. Se para entidades empregadoras são um espaço de inovação e de integração de colaboradores, “para as universidades, este tipo de espaço é uma oportunidade para forjar laços com o mundo industrial, sendo também um lugar de apoio ao ensino e à investigação. Por ser um ponto de encontro entre professores e estudantes de diferentes disciplinas, também é um espaço de inovação que permite a realização de projetos mais completos e complexos” (Delgado et al., 2020, p. 124). Será este um dos caminhos de futuro para o método da aprendizagem cooperativa em contexto universitário, que ultrapassa já o conceito de sala de aula, seja física, seja virtual.

# Bibliografia

- Ahmadi, N., & Besançon, M. (2017). Creativity as a stepping stone towards developing other competencies in classrooms. *Education Research International* (2017), 1-9. <https://doi.org/10.1155/2017/1357456>
- Barkley, E. F., Cross, K. P., & Major, C. H. (2005). *Collaborative learning techniques: A handbook for college faculty*. Jossey-Bass.
- Cavanagh, M. (2011). Students' experiences of active engagement through cooperative learning activities in lectures. *Active Learning in Higher Education*, 12(1), 23-33. <https://doi.org/10.1177/1469787410387724>
- Cecchini, J. A., Carriedo, A., Méndez-Giménez, A., & Fernández-Río, J. (2021). Highly-structured cooperative learning versus individual learning in times of COVID-19 distance learning. *European Journal of Teacher Education*, 1-16. <https://doi.org/10.1080/02619768.2021.1991305>
- Chen, F.-S., Ke, H.-S., & Chen Y.-C. (2020). Online Learning as a Panacea? An Empirical Study to Discuss Problem-Based Cooperative Learning in Taiwan. *International Journal of Emerging Technologies in Learning*, 15(18), 251-259. <https://doi.org/10.3991/ijet.v15i18.15079>
- Delgado, L., Galvez, D., Hassan, A., Palominos, P., & Morel, L. (2020). Innovation spaces in universities: Support for collaborative learning. *Journal of Innovation Economics & Management*, 31(1), 123-153. <https://doi.org/10.3917/ije.pr1.0064>
- Dytham, S. (2019). A framework of postgraduate collaboration: Postgraduate collaborative space in a UK university. *Studies in Higher Education*, 44(3), 446-458. <https://doi.org/10.1080/03075079.2017.1371688>
- Felder, R. M., & Brent, R. (2007). Cooperative learning. In P. A. Mabrouk (Ed.), *Active learning: Models from the analytical sciences* (pp. 34-53). American Chemical Society.
- García-Chitiva, M. (2021). Processos de aprendizagem colaborativa no Ensino Superior mediados pela Internet. *Revista Eletrônica Educare*, 25 (2), 1-19. <https://doi.org/10.15359/ree.25-2.23>
- Gurung, R. (2017). Key Aspects of Motivation in Learning. In R. Obeid, A. Schartz, C. Shane-Simpson, & P. J. Brooks (Eds.), *How we teach now: The GSTA guide to student-centered teaching*. Society for the Teaching of Psychology web site. <https://teachpsych.org/ebooks/howweteachnow>
- Huang, K. (2019). Design and investigation of cooperative, scaffolded wiki learning activities in an online graduate-level course. *International Journal of Educational Technology in Higher Education*, 16(11), 1-18. <https://doi.org/10.1186/s41239-019-0141-6>
- Iinuma, M., Matsuhashi, T., Nakamura, T., & Chiyokura, H. (2016). Student awareness change in computer supported collaborative learning (CSCL) environment. *International Journal of Information and Education Technology*, 6(6), 448-452. <https://doi.org/10.7763/IJiet.2016.V6.730>

- Jacobs, G. M., McCafferty, S. G., & Iddings, C. (2006). Roots of cooperative learning in general education. In S. G. McCafferty, G. M. Jacobs, & C. Iddings (Eds.), *Cooperative learning and second language teaching* (pp. 9-17). Cambridge University Press.
- Jareño, F., Jimenez, J. J., & Lagos, M.G. (2014). Cooperative learning in higher education: Differences in perceptions of contribution to the group. *International Journal of Educational Technology in Higher Education*, 11(2), 70-80. <http://dx.doi.org/10.7238/rusc.v11i2.1936>
- Jiménez, J.J., Lagos, G., & Jareño, F. (2013). El aprendizaje basado en problemas como instrumento potenciador de las competencias transversales. *Revista Electrónica Sobre la Enseñanza de la Economía Pública*, 13, 44-68. <http://e-publica.unizar.es/wp-content/uploads/2015/09/133JIMENEZVF.pdf>
- Johnson, D. W., & Johnson, R. T. (2018). *Cooperative Learning: The Foundation for Active Learning*.
- Johnson, D. W., Johnson, R. T., & Holubec, E. J. (2013). *Cooperation in the classroom* (9th ed.). Interaction Book Company.
- Kocabas, A., & Erbil, D. G. (2017). A scale development for teacher competencies on cooperative learning method. *Universal Journal of Educational Research*, 5(3), 316-324. <https://doi.org/10.13189/ujer.2017.050303>
- Larraz, N., Vázquez, S., & Liesa, M. (2017). Transversal skills development through cooperative learning. Training teachers for the future. *On the Horizon*, 25(2), 85-95. <https://doi.org/10.1108/OTH-02-2016-0004>
- Laal, M., & Ghodsi, S. M. (2012). Benefits of collaborative learning. *Procedia — Social and Behavioral Sciences*, 31, 486-490. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2011.12.091>
- Laal, M., & Laal, M. (2012). Collaborative learning: what is it?. *Procedia — Social and Behavioral Sciences*, 31, 491-495. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2011.12.092>
- Loes, C. N. (2022). The Effect of Collaborative Learning on Academic Motivation. *Teaching and Learning Inquiry*, 10(January). <https://doi.org/10.20343/teachlearningqu.10.4>
- Loh, R. C.-Y., & Ang, C.-S. (2020). Unravelling cooperative learning in higher education: A review of research. *Research in Social Sciences and Technology*, 5(2), 22-39. <https://doi.org/10.46303/ressat.05.02.2>
- Lopes, J., Silva, H., Catarino, P., Morais, E., & Vasco, P. (2019). Cooperative learning on promoting creative thinking and mathematical creativity in higher education. *REICE. Revista Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio En Educación*, 17(3), 5-22. <https://doi.org/10.15366/reice2019.17.3.001>
- Oxford, R. L. (1997). Cooperative learning, collaborative learning, and interaction: Three communicative strands in the language classroom. *The Modern Language Journal*, 81(4), 443-456. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4781.1997.tb05510.x>

Piaget, J. (1951). *The child's conception of the world* (No. 213). Rowman & Littlefield Publishers.

Ravenscroft, S. P. (1997). In support of cooperative learning. *Issues in Accounting Education*, 12(1), 187-190. <https://www.proquest.com/openview/33248e2814113b7897ca3ca9b919d550/1?pq-origsite=gscholar&cbl=31655>

Ravenscroft, S. P., Buckless, F. A., & Hassall, T. (1999). Cooperative learning-a literature guide. *Accounting Education*, 8(2), 163-176. <https://doi.org/10.1080/096392899330991>

Saborit, J. A. P., Fernández-Río, J., Estrada, J. A. C., Méndez-Giménez, A., & Alonso, D. M. (2016). Teachers' attitude and perception towards cooperative learning implementation: Influence of continuing training. *Teaching and Teacher education*, 59, 438-445. <https://doi.org/10.1016/j.tate.2016.07.020>

Sawyer, J., & Obeid, R. (2017). Cooperative and Collaborative Learning: Getting the Best of Both Words. In R. Obeid, A. Schwartz, C. Shane-Simpson, & P. J. Brooks (Eds.), *How we teach now: The GSTA guide to student-centered teaching*. Society for the Teaching of Psychology. <https://teachpsych.org/ebooks/howweteachnow>

Schnieder, T. P. (2017). Empowering Your Students through Teamwork. <http://teachpsych.org/ebooks/>

Shimazoe, J., & Aldrich, H. (2010). Group work can be gratifying: Understanding & overcoming resistance to cooperative learning. *College Teaching*, 58(2), 52-57. <https://doi.org/10.1080/87567550903418594>

S. M. Brito (Ed.), *Active learning: Beyond the future* (5th Chapter). BoD—Books on Demand. <http://dx.doi.org/10.5772/intechopen.81086>

Slavin, R. E., Hurley, E. A., & Chamberlain, A. (2003). Cooperative learning and achievement: Theory and research. *Handbook of Psychology*, 3(9), 177–198. <https://doi.org/10.1002/0471264385.wei0709>

Taber, K. S. (2011). Constructivism as educational theory: Contingency in learning, and optimally guided instruction. In J. Hassaskhah (Ed.), *Educational theory* (pp. 39-61). Nova Science Publishers.

Vygotsky, L. S. (1978). *Mind in society: The development of higher psychological processes* (M. Cole, V. John-Steiner, S. Scribner & E. Souberman (Eds.); A. R. Luria, M. Lopez-Morillas & M. Cole [with J. V. Wertsch], Trans.). Harvard University Press. (Original manuscripts ca. 1930–1934.)

Warsah, I., Morganna, R., Uyun, M., Hamengkubuwono., & Afandi, M. (2021). The impact of collaborative learning on learners' critical thinking skills. *International Journal of Instruction*, 14(2), 443-460. <https://doi.org/10.29333/iji.2021.14225a>

## **RECURSOS ONLINE**

<https://www.utc.edu/academic-affairs/walker-center-for-teaching-and-learning/teaching-resources/pedagogical-strategies-and-techniques/cooperative-learning>

<https://csumb.edu/clc/>

<http://www.co-operation.org/what-is-cooperative-learning>

<https://case.edu/ucite/teaching-resources/cooperative-learning>

<https://itali.uq.edu.au/teaching-guidance/teaching-practices/active-learning/collaborative-learning>

<https://blogs.ed.ac.uk/cooperative-learning-course/>

<https://www.en.aau.dk/cooperation/cooperation-researchers/collaborative-research-projects>

Título **Aprendizagem Cooperativa/Colaborativa (através de pares)**

Coordenação **Amanda Franco, Diana Soares e Magda Rocha**

Autora **Magda Rocha**

Coleção **Learning Innovation**

© **Magda Rocha**

Revisão Científica **Marisa Carvalho e Rosário Serrão Cunha** Revisão

Editorial **Patrícia Feio**

Capa **Velcrum**

Data **setembro 2023**

ISBN **9789725409763**

DOI <https://doi.org/10.34632/9789725409763>

Licença: este trabalho encontra-se publicado com a Licença Internacional Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0



COLEÇÃO  
**LEARNING  
INNOVA-  
TION**